

A HISTÓRIA ORAL E SEU PERCURSO COMO METODOLOGIA DE PESQUISA QUALITATIVA

Maví Consuelo Silva¹
Camila Rezende de Oliveira²
Guilherme Saramago de Oliveira³
Kelma Gomes Mendonça Ghelli⁴
Anderson Oramisio Santos⁵

Em nosso entender, a História Oral, como todas as metodologias, apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho – tais como diversos tipos de entrevistas e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de Reprodução total ou parcial proibida transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho – funcionando como ponte entre teoria e prática (Ferreira; Amado, 2006, p. XVI)

Resumo:

O presente artigo busca tecer algumas considerações a respeito da história oral como metodologia de pesquisa qualitativa. Para tanto fazemos um recorte na construção da mesma no Brasil e no mundo. O artigo também tece algumas características importantes da história oral, dando destaque à entrevista como uma das principais técnicas que compõem esta metodologia de pesquisa.

Palavras-chave:

Pesquisa qualitativa. História oral. Metodologia de pesquisa.

Abstract:

This article seeks to make some considerations about oral history as a qualitative research methodology. For that, it makes a cut in the construction of the same in Brazil and around the world. The article also weaves some important characteristics of oral history, highlighting the interview as one of the main techniques that make up this research methodology.

Keywords:

Qualitative research. Oral history. Research methodology.

¹ Doutoranda. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

² Doutora em Educação. Professora da Universidade Federal de Uberlândia.

³ Doutor em Educação. Professor da Universidade Federal de Uberlândia.

⁴ Doutora em Educação. Professora do Centro Universitário Mário Palmério.

⁵ Doutor em Educação. Universidade Federal de Uberlândia.

1. Primeiras palavras

Atualmente a construção de conhecimentos vem se consolidando nas diversas áreas do saber, para tanto percebemos um grande número de estudiosos que, através das pesquisas, procuram consolidar o seu saber, de maneira organizada, disponibilizando-o para toda população.

Para realização de tais pesquisas, métodos e técnicas são utilizados dentre eles encontram-se as pesquisas de cunho quantitativo, qualitativo e misto. Creswell (2007) nos ajuda a compreender as características de cada uma das três técnicas de pesquisa. Segue abaixo a descrição de uma pesquisa quantitativa de acordo com o autor.

É aquela em que o investigador usa primeiramente alegações pós-positivistas para desenvolvimento de conhecimento (ou seja, raciocínio de causa e efeito, redução de variáveis específicas e hipóteses e questões, uso de mensuração e observação e teste de teorias), emprega estratégias de investigação (como experimentos, levantamentos e coleta de dados, instrumentos predeterminados que geram dados estatísticos) (Creswell, 2007, p. 35).

Na pesquisa quantitativa, os resultados são obtidos através da coleta de dados e dos resultados gerados, ou seja, a quantificação é fundamental para o resultado da pesquisa. Os resultados numéricos advindos da coleta de dados se configuram como informações fundamentais para a pesquisa, pois através deles o pesquisador tem subsídios que o auxiliam e orientam o trabalho fortalecendo hipóteses na medida em que as informações numéricas podem ser relacionadas com a fundamentação teórica com intuito de que as informações necessárias sejam obtidas para o desenvolvimento da pesquisa.

O método quantitativo caracteriza-se pelo emprego de quantificação, tanto nas modalidades de coleta de informações quanto no tratamento dessas através das técnicas estatísticas, desde as mais simples como percentual, como as mais complexas, como coeficiente de relação, análise e regressão (Richardson, 1985).

Outra técnica de pesquisa, citada por Creswell, 2007, refere-se a qualitativa, o autor cita como essa metodologia de pesquisa é utilizada e quais estratégias a caracterizam.

Ela também usa estratégias de investigação como narrativas, fenomenologias, etnografias, estudos baseados em teoria ou estudos de teoria embasada na realidade. O pesquisador coleta dados emergentes abertos com o objetivo principal de desenvolver temas a partir dos dados, coletados (Creswell, 2007, p. 35).

A pesquisa qualitativa tem como características principais a análise dos dados à luz de diferentes pontos de vista, a construção de conhecimento através da pesquisa tendo como referência o olhar do pesquisado e a grande variedade de abordagens e métodos.

Outra metodologia de pesquisa que vem ganhando força no campo científico é a pesquisa mista ainda de acordo com Creswell (2007), a mesma se caracteriza da seguinte maneira.:

Essa técnica emprega estratégias de investigação que envolvem coleta de dados simultânea ou sequencial para melhor entender os problemas de pesquisa. A coleta de dados também envolve a obtenção tanto de informações numéricas (por exemplo, em instrumentos) como de informações de texto (por exemplo, em entrevistas), de forma que o banco de dados final represente tanto informações quantitativas como qualitativas (Creswell, 2007, p. 35).

O campo científico vem apontando uma tendência para o surgimento dessa metodologia de pesquisa mista, que possa atender as necessidades dos pesquisadores unindo características da pesquisa quantitativa e qualitativa. Trata-se de um modelo alternativo, chamado de quanti-qualitativo, ou quali-quantitativo, dependendo do foco que será dado no trabalho. Alguns autores, como Demo (1995) já defendem a importância de agrupar as características de ambas as perspectivas. Segundo o autor, “Embora metodologias alternativas facilmente se unilateralizem na qualidade política, destruindo-a em consequência, é importante lembrar que uma não é maior, nem melhor que a outra. Ambas são da mesma importância metodológica” (Demo, 1995, p. 231).

O autor demonstra que, apesar das diferenças, as pesquisas de cunho quantitativo e qualitativo podem se complementar no desenvolvimento dos trabalhos para que os resultados consigam abarcar os objetivos propostos de maneira mais completa; sendo assim, uma complementa a outra com intuito de alcançar maior abrangência possível do objetivo final da pesquisa.

Contudo, o presente artigo tem como objetivo empregar mais atenção a modalidade de pesquisa qualitativa, verificamos que a mesma, de acordo com Creswell (2007), caracteriza-se por ser um método humanístico e que busca sempre a interação entre o pesquisador e o pesquisado, tendendo a estabelecer uma relação de harmonia e confiança.

Na pesquisa qualitativa o processo de coleta de dados nunca é fechado, podendo ser modificado à medida que o pesquisador descobre novos centros de interesse: “[...] processo de coleta de dados pode mudar à medida que as portas se abrem ou se fecham

para a coleta de dados, e o pesquisador descobre, os melhores locais para entender o fenômeno central de interesse” (Creswell, 2007, p. 186).

Ainda de acordo com o autor, a pesquisa qualitativa também é interpretativa, pois o pesquisador utiliza de recursos da descrição para analisar os dados obtidos através de entrevistas e observação, analisando o que foi observado e compreendido. A interpretação neste sentido também é calcada no olhar do pesquisador, o que às vezes leva a interpretações pessoais dos fatos observados e dos dados analisados. Creswell (2007, p. 187) explica que “[...] também significa que o pesquisador filtra os dados através de uma lente pessoal situada em um momento sociopolítico e histórico específico. Não é possível evitar as interpretações pessoais, na análise de dados qualitativos”.

Apesar da pesquisa qualitativa ter uma característica interpretativa, destacamos que o pesquisador, neste processo, deve apresentar a sensibilidade necessária para observar, questionar, refletir sobre os fatos e sobre os dados recolhidos. O rigor, neste caso, se faz no sentido de procurar ser o mais fidedigno possível na interpretação do significado dos dados para os/as sujeitos que participaram da pesquisa. De acordo com Bogdan e Biklen (1994, p. 51): “Ainda que se verifique alguma controvérsia quanto ao procedimento de coleta de dados, eles refletem uma preocupação como o registro tão rigoroso quanto o possível do modo como as pessoas interpretam os significados”.

A pesquisa qualitativa é dividida em várias modalidades neste artigo vamos tratar da história oral, suas características e como a mesma pode se desenvolver como metodologia de pesquisa qualitativa.

2. Contexto histórico da história oral

Dentre as várias modalidades de pesquisa qualitativa, a história oral se tornou amplamente utilizada em várias áreas do conhecimento por pesquisadores no mundo todo. Por ter como uma das principais características a participação efetiva dos pesquisados na construção da pesquisa, ela se torna também um instrumento que possibilita a participação das pessoas, especialmente em relação aos dilemas que os cercam. Dessa maneira, a história oral “[...] se fundamenta no direito de participação social e nesse sentido está ligada a consciência da cidadania” (Meihy, 1996, s/p.)

Os relatos de surgimento da história oral como registro documental pela classe acadêmica aconteceram em meados do século XX, em Chicago, sendo utilizada por pesquisadores da área de História. Outro marco interessante destaca a invenção do

gravador portátil como grande incentivador no aumento do número de adeptos à utilização da história oral como fonte documental.

Já no Brasil a História oral tem uma forte ligação com as questões políticas considerando o período de ditaduras militares, sendo que tal modalidade apresentou-se de forma fragilizada. Neste sentido, a história oral no Brasil ganhou destaque a partir do ano de 1979, porém teve mais força a partir de 1983, com o processo de redemocratização política (Ferreira; Fernandes; Alberti, 2000).

Ainda de acordo com os estudos destes autores, apesar das questões políticas e do contexto da ditadura militar, alguns registros intitulados como história oral foram produzidos no Brasil na década de 1970, como a dissertação de mestrado de Carlos Humberto P. Corrêa, intitulada: “História Oral, Teorias e Técnica, 1977”. Outro documento importante que se caracteriza como história oral foi produzido pelos exilados no ano de 1976 e lançado no Brasil em 1978, intitulado “Memórias do exílio: muitos caminhos”. A obra também deu origem a outro registro oral: “Memórias das mulheres no exílio”.

3. Mas afinal, o que é história oral?

A História Oral é uma modalidade de pesquisa qualitativa que os pesquisadores encontram dificuldades por definir um conceito de maneira fechada, exata, visto que a mesma vem sofrendo grandes mudanças e adaptações, especialmente levando em conta a evolução tecnológica relativa às diversas maneiras de realizar os registros. Sendo assim, teceremos algumas características que podem ser entendidas como da história oral.

Meihy nos traz alguns conceitos relativos ao que poderia ser entendido como história oral: “[...] é um recurso moderno, usado para elaboração de documentos, arquivamentos e estudo referente a experiência social de pessoas e grupos”. Também cita que pode ser entendida como: “Uma prática de apreensão de narrativas feitas através do uso de meios eletrônicos, destinada a recolher testemunhos, promover análise de processos sociais do presente e facilitar o conhecimento do meio imediato” (Meihy, 1996 p. 17).

Tais conceitos demonstram a versatilidade da história oral e a grande abrangência dela como metodologia de pesquisa. Neste sentido, devemos destacar também o que não pode ser considerado como história oral: “Discurso de pessoas que escreveram textos para serem lidos em público, falas improvisadas para marcarem determinados eventos,

declamação de poemas e leituras, representação de peças teatrais, cartas ou mensagens, orações explicitadas” (Meihy, 1996, p. 20).

Os eventos acima citados, de acordo com o autor, não devem ser entendidos como História oral visto que os mesmos podem ser definidos como expressões de oralidade.

A história oral configura-se como uma metodologia de pesquisa qualitativa, porém por muito tempo a aceitação dela foi vista com desconfiança. Por se tratar de narrativas pessoais, poderia ser entendida como uma metodologia passível de sofrer interferências do pesquisado no sentido de omitir ou destacar fatos da história. Neste sentido, Thompson (1992, s/p) relata que nenhuma fonte está isenta de subjetividades: “Toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva”.

Ante o exposto, entendemos que a história oral é uma metodologia que requer muita preparação, planejamento e programação, de forma que uma das técnicas fundamentais para obtenção das informações é a entrevista. Contudo, antes mesmo de tratar a respeito da entrevista, é importante saber que a história oral é dividida em algumas etapas, de acordo com Meihy (1996): elaboração do projeto, gravação (entrevista), confecção do documento escrito, análise e devolução do produto. Todas as etapas citadas, apesar de não serem obrigatoriamente complementares, são etapas importantíssimas pelas quais a história oral se compõe.

Na primeira etapa, que corresponde à elaboração do projeto, o pesquisador define os critérios que farão parte dele. É neste momento que é definido se os documentos serão transcritos, como acontecerá essa transcrição e como esses documentos serão organizados: “O momento de elaboração do projeto é importante por definir os critérios de procedimentos” (Meihy, 1996, p. 107). Ou seja, é um momento crucial pois a partir do projeto serão definidos os passos a serem dados na pesquisa.

O segundo momento corresponde à gravação, ou seja, a parte em que o projeto será materializado (através da gravação por áudio ou vídeo, com a devida autorização do pesquisado). É neste momento que o pesquisador utilizará do recurso da gravação da entrevista para obter as informações necessárias para pesquisa.

A terceira etapa diz respeito à confecção do documento escrito. Esta etapa tem íntima ligação com a primeira, pois é nela que será definido qual tipo de transcrição será realizada; de acordo com Meihy (1996, p. 108): “O terceiro momento da transcrição do documento escrito, deve estabelecer o tipo de transcrição”.

A quarta etapa é um pouco mais complexa pois, de acordo com Meihy (1996), ela pode ou não existir, dependendo de como os documentos serão analisados. Existem grupos que só aceitam a história oral após a escrita e análise dos documentos, neste sentido esse movimento é realizado quando as três etapas anteriores também foram realizadas. Outros grupos já consideram a elaboração do documento suficiente para que seja configurada como história oral, ou seja, depende do grupo que está à frente da condução do projeto de pesquisa.

A quinta e última etapa corresponde à conclusão do projeto. É nesta fase que será realizada a “prestação de contas” para os participantes da pesquisa; além disso, em muitos casos a pesquisa pode também servir de parâmetro para benefícios voltados para comunidade que participou da mesma. Sendo assim, “A quinta fase remete a conclusão do projeto que deve ter no retorno a comunidade que o motivou. Esse compromisso evoca os pressupostos iniciais que asseguraram a história oral como formuladora de políticas públicas” (Meihy, 1996, p. 108).

Percorrer as etapas que compõem a história oral nos permite vislumbrar a mesma como metodologia de pesquisa com todas as etapas pertinentes que ajudam a compor o projeto, projeto este que muitas vezes é tido como fundamento para auxiliar a população na busca de melhorias nos espaços que ocupam. A história oral é a visão deste sujeito que compõe a comunidade e entende como, quando e o que é necessário melhorar. É a percepção individual que auxilia o coletivo e a sociedade na construção de novos conhecimentos e de uma vida melhor.

4. O papel da entrevista na história oral

A entrevista configura-se como uma das principais técnicas utilizadas pelo pesquisador para obter os dados necessários para pesquisa. Ela conta com a narração do entrevistado a respeito de fatos que o permitem trazer à luz dados relevantes de sua história ou da história da comunidade a que pertence; sendo assim, “[...] narrar consiste em expressar o significado da experiência através dos fatos” (Portelli, 1996, p. 12).

A organização de como será realizada a entrevista (definida na primeira etapa da elaboração do projeto de pesquisa) é fundamental. É importante que sejam definidos: a quantidade de participantes; o local onde será realizada; se a entrevista será livre ou estruturada e, se for estruturada, quais perguntas serão feitas, para que não haja fuga do tema; quem serão os entrevistados e quem serão os entrevistadores; e se a mesa será

gravada, filmada ou somente transcrita. Para Meihy (1996), toda essa organização deve ser realizada de acordo com o que foi elaborado no projeto inicial, dependendo do objetivo que se busca alcançar.

Neste sentido, alguns fatores que compõem a entrevista são importantes para o êxito do projeto, sendo que um deles é o acesso à memória dos entrevistados. De acordo com Meihy (1996), alguns pesquisadores acreditam que a narrativa deve ser livre e que o estímulo às lembranças algumas vezes pode levar o entrevistado a uma lembrança engessada, que não acontece de maneira natural. Outros já acreditam que a espontaneidade na narração dos fatos faz com que estes aconteçam de maneira pura.

Outro fator importante para o momento da entrevista corresponde à escolha do local, que deve proporcionar ao entrevistado a liberdade de falar, pois muitas vezes as narrações podem despertar lembranças dolorosas e o conforto no momento da entrevista se torna fundamental: “Deve-se sempre que possível, deixar o colaborador decidir onde gostaria de gravar a entrevista” (Meihy, 1996, p. 111).

O tempo destinado à entrevista também deve ser considerado, sendo que variará conforme a organização do encontro. De acordo com Meihy (1996), a quantidade de tempo destinada a cada entrevista deve ser organizada antes da mesma; a flexibilidade em relação ao horário é aceitável, desde que previamente acordada com o entrevistado.

Outro fator importantíssimo refere-se ao entrevistador: é primordial que o mesmo aja na entrevista com zelo e respeito pelo entrevistado, sabendo ouvir de maneira atenciosa tudo que está sendo exposto. Também é necessário verificar qual pessoa deve realizar a entrevista, sendo que esse fato vai depender de qual tema será tratado e dos objetivos que o pesquisador quer alcançar: “Convém pensar que deve haver especificações entre o relacionamento entre o entrevistador e o entrevistado” (Meihy, 1996, p. 111).

Desta forma, a entrevista configura-se como o vetor central na modalidade de pesquisa de história oral, é a partir dela que o pesquisador estará munido de documentos necessários para organizar a pesquisa. Esse fato não quer dizer que a pesquisa em história oral seja composta apenas pelas narrativas dos entrevistados; documentos e outros arquivos também fazem parte da pesquisa em história oral, porém a estrutura central está focada na narrativa dos sujeitos participantes da pesquisa. Daí o papel fundamental da entrevista nesta modalidade de pesquisa.

5. Considerações finais

Diante dos apontamentos a respeito da história oral, destacamos a importância dela como uma metodologia de pesquisa que dá voz aos oprimidos, aqueles que geralmente são esquecidos pela sociedade, dos quais a voz não é ouvida. Essas pessoas, através da história oral, da narração de suas vivências e lutas, têm condições de deixar seu legado, visto que muitas vezes as histórias narradas compõem importantes documentos que podem ser utilizados como material para reivindicações comunitárias para contar a história da construção de cidades e povoados, além de histórias da população importantes para a formação social de um povo.

Importa saber que, apesar de sofrer várias críticas a respeito sua validade como metodologia de pesquisa e como válida na produção de conhecimentos científicos, a história oral vem se firmando ao longo dos anos como uma possibilidade de pesquisa que permite ultrapassar os limites do engessamento acadêmico. Através das narrativas, ajuda na construção de conhecimentos vindos do olhar de quem viveu os fatos; é a história viva que nos rememora em movimentos dialógicos a construção do conhecimento.

Diante do exposto, a história oral segue se fortalecendo como possibilidade de metodologia de pesquisa. É necessário que alguns pontos de fragilidade questionados por pesquisadores sejam revistos e organizados, já que essa construção e organização só é realizada à medida que mais pesquisadores se dispuserem a trabalhar com a história oral, pois o caminho, especialmente no que concerne à construção de conhecimentos, se faz caminhando.

Referências

AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BOGDAN, R; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. 4 ed. Portugal: Porto Editora, 1994.

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre, RS: Artmed, 2007.

DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3^o. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

FERREIRA, M. M.; FERNANDES, T. M.; ALBERTI, V. **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Fiocruz, 2000.

MEIHY, J. C. S, **Manual da História Oral**. 5 ed. São Paulo, SP: Loyola, 2005.

PORTELLI, A. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luta e senso comum. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

RICHARDSON, R. J. **Métodos e Técnicas**. São Paulo, Atlas, 1985.

THOMPSON, P. **A Voz do Passado**. Rio de Janeiro, RJ. Paz e Terra, 1992.